

17 de julho de 1904

### As nossas associações

VI

#### O Remedio

Depois do longo exame feito no organismo depeuperado das nossas associações, para que não nos chamem de maldizentes e não tentem destruir as verdades que temos dicto com o argumentar que tudo está muito bem tanto que somos incapazes de apontar o meio de reparar o que dissemos, vamos hoje occupar-nos das medidas reparadoras do grande mal.

No que se refere aos homens julgamos-nos dispensados de indicar a maneira de agir cada um no sentido de fazer desaparecer sua vaidade, seus preconceitos, seus vícios, porque, sabendo cada um qual é o mal e tendo interesse em evital-o, deve tratar de corrigir em si as más tendências; mas no que se refere as associações muito temos de occupar-nos, muito temos de argumentar.

Em nossos primeiros artigos dissemos ser uma necessidade o congraçamento de todas as associações não só desta capital, mas de todo o Estado, afim de que a acção conjuncta dos elementos de nosso meio, que hoje andam dispersos, possam fazer alguma cousa de util por si mesmo.

Quem com isenção de animo observar as necessidades dos nossos, quem colligado fora das orbitas das paixões, estudar cuidadosamente as nossas condições, os nossos homens em suas collectividades e individualmente, reconhecerá que temos necessidade de um herculéo esforço propagador de instrução, de uma grande actividade attinente ao amparo moral da maioria das victimas dos preconceitos, de um incessante labor no sentido de oferecer-lhes auxilio capaz em caso de enfermidade, do inicio efficaz de uma obra, de uma instituição, protectora dos orphãos dos nossos, votados hoje a serem fanulos das familias abastadas que *avidamente* estendem sobre elles sua tutela interessada, ou deixados os homens, entregues desde cedo a radiagem e ao vicio e as raparigas, á prematura prostituição.

É as nossas associações constituídas tal qual estão, contendo cada uma quarenta ou cinquenta socios effectivos, o que podem fazer para a consecução de tudo isso?

Nada. É sempre nada, enquanto forem o que são.

Logo si estas obras são necessarias, si são, como cremos, um reclamo do actual momento, e as nossas associações não as podem realisar, estas associações são corpos já carcomidos pela gangrena da inutilidade e que precisam do remedio energico de uma modificação radical na sua maneira de vida, pela melhora de suas leis basicas que devem ser postas de accordo com as necessidades mencionadas.

É como fazer isto sem perturbar de maneira radical o viver de cada associação de per si?

É o que veremos adiante.

Continúa

O Exemplo não é um jornal mercantil, é o arauto de uma idéa — a do levantamento moral e intellectual das classes desprotegidas — que são as unicas que lhe devem auxilio.

D. d'Alba

Vós, os homens de cor preta, tendes n' O Exemplo o echo de vossos direitos, o defensor de vossos mais santos interesses. Não o desampareis porque a sua queda será o vosso suicidio moral.

I. Colla

### O Exemplo

No intuito de ampliar ainda a circulação d' O Exemplo resolvemos recorrer ás pessoas que o julgarem um agente benéfico na obra do levantamento dos nossos, pedindo-lhes o obsequio de angariarem assignaturas.

Para facilitar o trabalho de nossos amigos resolvemos inserir na terceira e quarta pagina um bilhete a nós dirigido em que bastará incluir o nome e direcção do novo assignante, o periodo em que deve começar a assignatura e a firma do remetente.

Este bilhete uma vez cheio deve ser lançado em uma caixa do correio, e independente do cuidado do selo de franquia que correrá por nossa conta, ou trazido ao nosso escriptorio.

Quinzenalmente publicaremos a relação dos novos assignantes e das pessoas que os houverem indicado.

Todos aquelles que nos mandarem em um trimestre 10 ou mais assignaturas novas terão direito a assignatura gratuita do jornal durante um semestre e o que remetterem mais de 15, durante 1 anno.

### Ao Darcy

Lyrio que apenas desabrochaste e não sentiste ainda em tuas petalas o sereno gelido de junho, nem o sol ardente de dezembro, deixa que eu desembaraçando-me da túnica do pessimismo, veste predilecta das phylantropes da dor, em cujas fileiras alistei-me, venha até junto de teu berço — lírio de tua innocencia, não julgaram as benções de tua mãe, os risos de teu pai — trazer a segurança de meus anhelar pela tua felicidade, através de um porvir sorridente e bello que, entretanto, eu descreio possa existir.

Ao approximar-me de ti, marinheiro inconsciente cuja barca vogava á mercê do caprichoso acaso, no procelloso mar da existencia, sinto a dor invadir-me todo o ser, prevenido o teu naufragio quando, impellido pelo sopro da adversidade, fores de encontro os cachopos das misérias.

Ao acercar-me de teu berço, lamento que tenhas nascido com embrenhar-te nas enosidades da corrupção, da miséria, da perfidia e do vicio de que é cheia a sociedade; ao contemplar teu riso innocente, teu olhar crystallino, como devem ser as aguas purissimas da fonte do bem, reconheço que pezar immenso invade-me as facultades do sentir, por não poder ler no futuro, por não poder adivinhar o que para ti lá existirá.

Hoje que sei as provocações que ha na existencia para o homem, que conheço a ingratitude, que avalio a miséria da humanidade, sinto profundamente que tu, innocente creança, estas perdido tambem na tortuosa estrada da vida onde os urzes da desgraça rasgam os pés e os cordes da dor chagam as carnes, e evito tocar-te, fujo de ajarrar-te, espicho-me de beijar-te afim de que não partilhe deste amor que a tantos inspira, porque meu egoismo teme soffrer de tuas dores.

Assim se é verdade que existe um Deus, si o seu poder não tem base somente em grosseira superstição, que elle te proteja, te isente das provações de que está cheio o mundo, conserve tua vida e faça o meu egoismo não temer amar-te.

Si assim não succeder, porém, firmarei a minha creença de que não existe o Deus, que se compadecce dos que soffrem.

Abençoada alegria de teus paes, abençoada esperança da familia, recebe nestas linhas, que representam a lucta da aspiração e da duvida, os vossos que por tua ventura, faz tua tua.

Pepita

### Desalinhavos

Eu sei que estes *desalinhavos* vão dar margem a diversos comentarios. Uns não de approval-os e outros reprovallos-os. Mas, aos que os reproverem direi: „Cada um pensa como quer“ e aos que approvarem muito commovido e até mesmo com a voz tremula e lacrimosa, bradarei: „Obrigado meu povo, muito obrigado!“

Eu acho muito justo, meritoria mesmo, a campanha que encetou a policia judiciaria contra o immoral jogo do „bicho“; jogo que tem sempre dado proventos unicamente aos felizardos banqueiros, nunca, porém, ao pobre diabo que gasta, ás mais das vezes em uma hora, o que não ganhou em dois ou tres dias.

E não só por isso, mas porque essa justissima campanha da policia livra-me, quando saio aos meus affazeres, de ouvir dialogos como este que vos repito, jogados entre uma graciosa mocinha e uma velha, ambas fanaticas pelo bicho:

— Bons dias „sia“ visinha; diz a velha.

— Bom dia! responde a moça.

— O que dará hoje visinha?

„Home“, não sei visinha, mas se quizer arriscar, jogue dois burros e um abstruz. Eu sonhei esta noite, com o papae e a vóvó. Ora, quando sonho com o papae dá sempre burro; e a vóvó com certeza é abstruz. E depois o papae tem o rosto comprido...

— É mesmo visinha da minha „arma“ interrompe a velhota muito senhora de si, o seu papae, „não mal“ comparando, tem as orelhas afuniladas... Eu vou aproveitar o seu palpate, mas não desprezo o numero da casa que é vinte e seis. Até logo visinha!

— Até logo! responde a moça que fanatisada pelo maldito jogo, encontrou até na phisyonomia de seu rico paesinho traços que o assemelhavam muito a um burro.

Outro facto.

A d. Pulcheria da Purificação, que é uma senhora muito virtuosa, muito temente a Deus, possui um filho — o seu amparo.

Este rapaz, graças ao „seu“ compadre Maneca (da D. Quiteria) o padrinho delle, recebeu regular educação e por isso ou por outra qualquer circumstancia ignorada a velha era eternamente grata ao compadre, e tanto que tendo elle fallecido repentinamente ha uns quattros annos, em signal de que não olhava sua memoria a d. Pulcheria, que ainda não se conformou com essa morte, para salvação dessa rica alma, resalhe todas as noites os quinze mysterios do SS. Rosario.

Pois bem: o meo passado estava em sua casa, tratando de negocios, quando inopinadamente apparece á porta da sala a tia Maneca, uma sua visinha, senhora respeitavel pelo enorme corpo, que sem mesmo cortejar-nos, dirigiu-se á d. Pulcheria:

Que numero tem a sepultura de seu compadre Maneca?

Setecentos e seis, respondeu a d. Pulcheria. Mas, porque pergunta?

— Ora sonhei com elle esta noite, até estava lhe dizendo: Deus te falle n'„arma“.

— Amem. Interrompe a d. Pulcheria.

— Queria ver se o numero da sepultura d'elle dava tati, porque defunto é tati...

— Olhe, visinha Maneca, você quer ganhar dinheiro? Jogue dois porcos e tres bois, porque se escapar do porco não escapa do boi. Com certeza em um dos dois elle sae. Você sabe porque? Escute-me: O defunto, compadre Maneca (que Deus lhe dê o reino da Gloria) morreu com todas as suas carnes (dello) depois você deve se lembrar que, não mal comparando, parecia um santo, sem

tirar nem botar. Em vida elle tinha um olhar, assim de boi sonso... um camilnar pesado... e é porque tenho que dá hoje: ou dois bois ou dois porcos. Em vista disto retirei-me, deixando de tratar do negocio, pois a d. Pulcheria já não me prestava attenção, era toda do bicho e até acabava de alvarar o seu defunto compadre que ella não permitiria que chamassem senão de santo, em porco e em boi sonso...

Ainda outra, e esta foi a que me calou mais fundamente no animo, fazendo-me inimigo incondicional do bicho, uma vez posta de parte a condição de não jogar.

Contiguo á casa em que morei, tinha uma visinha que era conhecida em familia pelo appellido de „Lili“. Era uma mimo, era encantadora, realmente linda. Confesso mesmo que me sentia lisongiado quando o meu amigo gerente, o cá da casa, dizia-me: O moço que tiver a felicidade de namorar esta encantadora menina, pôde dizer que vae possuir uma perola tanto no talento como na formosura.

Quando pensava na Lili, sentia-me mal em ser anacoreta na solidão do selibato e sonhava com a adorada menina sempre risinha e arteira.

E a cousa é que todas as tardes antes de entrar e ao sair de casa os cumprimentos e a classica conversinha dos namorados „coiós sem sorte“, era para mim cousa obrigada.

Uma tarde, com aquelle tacto peculiar aos namorados, notei que sua costumeira affabilidade occultava o quer que fosse de contrariedade. Apprehensivo, tremulo por ver n'aquelle rostinho adorado uma nuvem, posto que tenue, de tristeza, inqueri com voz alambicada:

— Que tens querida Lili?

Respondeu-me num enleio que eu supuz de ingenua creança e que tanto desvanecimento ás primeiras palavras:

— Nada Pereira... antes quasi nada. Sonhei contigo.

— Sonhastes commigo! e por isso te sentes mal?!... Interrogué quasi louco de satisfação.

— Sim, sonhei contigo e joguei o numero da tua casa, entretanto sahiram duas girafas. Não me lembrei que tu eras esguia e de peçoço comprido como as girafas.

Se me tivesse atirado a cara um balde cheio d'agua gelada, se um grupo de estudantes me tivesse dado uma vaia, em qualquer das hypothesez eu não teria ficado tão embatucado como fiquei quando aquella maldicta me disse, mesmo na „lata“, que eu me parecia como uma girafa

Devido a esse facto, mudei de amores e de Castello.

Pois é possivel que uma menina possa querer bem de veras a um girafa?

Mas estou vingado porque estão exterminando o „bicho“, e estou livre assim de que me comparem outra vez com este gargalado animal e me obriguem a desabafar meu despeito em outros *desalinhavos*.

S. Pereira.

### O toureiro

Ao Tacito Pires

Saudando o povo o corajoso espada Eil-o que salta altivo no ruedo, E, ante tal impavidez, o povo quedo Sente a respiração asphiada!

Firme provoca a fera sem ter medo, Joga a montera a sorte é dedicada A' sua bella e elegante namorada Que recusava a dedica, em segredo,

Pois antes queria-o mui terno a seu lado Do que vel-o pelo touro ameaçado... E ao ouvir-se dentre a insana multidão

Este grito: *Tiene alma, mucha alma!*

«Sim», grita então a moça já sem calma, «Muita alma tem, lhe falta o coração!»

Arcanio Cardolino

## Discurso

(Conclusão)

Meus senhores e minhas senhoras.

Este Centro, é de certo uma dessas instituições que está de accordo com a época e o meio em que se agitam. Está de accordo com a época, porque representa um esforço na faina melhoradora das condições da humanidade em sua collectiva. Está de accordo com o meio porque si em seu anhelar, não abala como o condor do pensamento moderno para as regiões outrora ignotas, onde enthronisam-se actualmente as avançadas das mais sublimes conquistas philosophicas, corollarios bellissimos dos conhecimentos scientificos do seculo e do labor mental dos homens da época; colloca-se fóra de orbita restricta da mediocridade do meio em que se agita, conformando-se entretanto com as mais afferadas e intangíveis de suas convicções, de suas maneiras rotineiras ou antiquadas.

Entretanto é elle a aurora de um dia de grandiosas conquistas, é elle, oppozha-se o que oppuzer-se ao que daqui proclamamos, o fanal de uma geração — a actual, e será o sol sublime a derramar seus raios sobre outra — a vindoura.

Seu lábaro que hoje vem do baptismo, que acaba de passar pela cerimonia com que se iniciou a obra da civilização dos gentios nesta terra, tem a cor sorridente das nossas florestas immensas, tem o brilho esmeraldino das nossas arvores gigantes, e, só por estes dons factos, parece destinado a assistir no seio da sociedade viamonense, as transformações identicas aquellas que assistiram as virgens mattas brasilias no dilucido matutino da sua civilização.

Aqui tambem neste momento se faz a festa da alvorada. Cada coração que aqui se osculta é um ninho de poder e de grandeza onde acorda a pas parada da força de vontade aos primeiros raios da luz, entoando o hymno dos fortes para a marcha triumphal na senda das grandes conquistas.

Mas, não pôde haver, senhores, aurora sem luz, e a luz está ali, naquella bandeira que concretisa todo um mundo de aspirações, de ideais, de conquistas, que ha de ser de certo o guia dos trabalhadores viamonenses na lucta que têm de enectar para a conquista de ampla instrução e do mais completo auxilio mutuo.

Assim, pois, senhores, peço que me acompanheis numa aclamação ao futuro de Viamão representado no Club Recreativo Viamonense.

Viva o Club Recreativo Viamonense!

O orador que durante o discurso havia sido muito applaudido, foi ao terminar aclamado e cumprimentado.

## Um monstro

(Arthur Azevedo.)

Naquella tarde o Lemos estava contrariado e apprehensivo. Demorara-se na rua um pouco mais que de costume, e com certeza a senhora, que tinha muito máo genio, ia recebê-lo com duas pedras na mão.

Efectivamente, quando o pobre marido entrou em casa, fatigadissimo, bufando, e se deixou cair sentado numa cadeira, na sala de jantar, dona Eugénia veio da cozinha arrastando os chinelos, e collocou-se deante delle, erecta, numa attitude ameaçadora, as mãos postas nas ilhargas.

O paciente que já estava habituado áquella vida, esperou resignado a tormenta.

— Então, sr. Lemos, isso são horas de vir jantar?

— Desculpe; não foi porque me estivesse divertindo que cheguei á casa meia hora mais tarde.

— Meia hora? Diga quarenta minutos!

— Como quizer.

— Isto não pôde continuar assim, sr. Lemos!

— Homem, quem a ouvir falar, ha de suppor que chego tarde todos os dias, quando a verdade é que ha trez mezes é esta a primeira vez que...

— Julga o senhor que eu seja sua escrava?

— Pelo contrario! si ha aqui um escravo, sou eu, minha senhora!

— Quer com isso dizer que sou impertinente, exigente, autoritaria, apenas porque desejo que haja nesta casa um pouco de ordem e de economia!

— Não quero dizer coisa alguma, mas me parece que, antes de se irritar por me ver chegar um pouco mais tarde, o que no final das contas não é nenhum crime, a senhora deveria indagar por que motivo tardei.

— O motivo não é preciso que o senhor m'o diga... Com certeza estava na pandega!

— Não sou homem de pandegas!

— Mire-se ali no espelho do apparador... veja si essa cara pôde enganar alguem! Pois olhe, era melhor que o senhor ficasse onde esteve até agora!

— Mas onde imagina a senhora que estive?

— Com certeza não foi na repartição. A repartição fecha-se ás tres horas e o senhor entrou em casa faltando vinte minutos para as cinco, quando o jantar está marcado para as quatro em ponto! Isto aqui, sr. Lemos, não é casa de pasto, onde cada qual janta a hora que lhe parece!

— Mas quem lhe disse que o expediente da repartição não foi prorrogado?

— Isso é uma desculpa esfarrapada, que o senhor inventou neste momento!

— Não é tal! Saiba que o expediente só terminou ás quatro horas!

— Mente!

— Minto?

— Mente, sim, senhor, e vou dizer-lhe porque. O Linhares passou no bond á hora do costume, e como o Linhares é o chefe da repartição, está visto que não sabiria mais cedo, estando o expediente prorrogado.

(Continua.)

## Notas semanaes

**De regresso.** — De S. Jeronymo, onde é domiciliado, chegou na dias o sr. Joaquim José Luiz que lá fóra visitar a sua extremosa familia, visto estar empregado nas officinas da estação do Riacho.

**Para Santa Maria.** — O nosso amigo Antero Gonçalves de Almeida, talentoso e praeecto professor que regia uma cadeira em Santa Maria, para lá seguiu na quarta-feira, 14 do corrente, afim de empossar o professor nomeado para succedê-lo e aguardar a sua remoção para esta capital.

**Atenção!** — E' o que pedimos aos nossos leitores, para o annuncio que em nossas columnas fazem os srs. Cavalleira & Comp., de sua nova casa de negocio, á rua General Paranhos n. 32.

**Chave perdida.** Na tarde de sabbado, 2 do corrente, ás 5 horas, mais ou menos, na esquina da rua Concordia com a do Avahy, um pobre homem reclamava de um *bicheiro* o dinheiro que dizia ter ganho; o que expusero o *bicheiro* que foi a sua casa, que é proxima ao local da contenda, e trazendo de lá um rebenque, vibrou tão certezas pancadas em sua victima, com o cabo do reho, que a deitou por terra, com uma grande brecha na testa; e a teria morto se não se desse a intervenção de alguns circunstantes: tão furioso estava o *vulente bicheiro*.

Nesta occasião foi achada uma chavesinha presa por um velho barbante que trouxeram ao nosso *scriptorio*, onde se acha a disposição de quem a perdeu; quanto ao resultado do barullo só podemos adiantar que o reclamante perdeu o *cobro* e o... *sangue*, e o *bicheiro* retirou-se em santa paz para os seus *penates*.

Não precisamos dizer que a victima era um *mulato* velho e o accusado um *mogo* louro.

**AO SR. DR. INTENDENTE.** — Na esquina de uma das ruas mais transitadas de Porto Alegre, cidade que passa por ser a melhor policiada do Bra-

zil, as nossas familias são estupidamente insultadas com chufas grosseiras e ditos obscenos, sem terem e nem podem contar com a intervenção protectora dos agentes da guarda administrativa, afim de cessarem tão abominaveis abusos; pois os seus auctores são individuos que pela cor da epiderme e a bella perspectiva do traje, estão immunes da corrección policial por serem julgados da alta sociedade.

Nos informaram que sob o irrisorio pretexto de serem estudantes, são capitulados como fraquezas da mocidade esses delictos de leza civilização: não acreditamos em semelhante ballela, pois não podemos admitir que membros de uma classe de quem depende os destinos da humanidade, conforme o ramo de estudo a que cada um se dedica, baixem a pratica de actos tão revoltantes que envergonhar-se-ia de cometel-os qualquer engraxate desoccupado ou baleiro sem educação.

Só individuos desclassificados procedem como os que nos inspiram essas linhas.

E' o caso que em a noite de sabbado, 9 do corrente, uma matulla de garotos encasacados, postada á esquina da rua Marechal Floriano e Duque de Caxias, aguardava uma occasião, como de costume, de exhibirem os vistosos padroes de sua educação, ridicularizando a seu talante os modestos transeuntes, quando, ao avirtarem uma familia numerosa que vinha em direcção á cidade baixa, um dos da troça deu o grito de alarme, dizendo:

— Lá vem um *farracho* de negras, alerta!

Com certeza vão para algum *sorongo* na Floresta Aurora, respondeu outro, corrompendo a phrase, para fazer *espírito*.

E proromperam em uma apupada medonha contra a pobre e indefesa familia que, transitando sem se fazer acompanhar pelo seu chefe, por ser cedo ainda, só teve por si o bom senso que a aconselhou a sofrer resignada, cabibaixa e menospreso pulha, para evitar de ser victima de maior tropellia; pois o agente que estava, parece, de guarda naquella local, fez ouvidos de mercador e foi tratando de se por ao fresco, tomando rumo opposto ao em que se dava a contumelavel aggressão.

Ora, sr. dr. intendente municipal, é doloroso o pensarmos que não somos excluidos, por sermos pretos e de posição modesta, do pagamento de todos os impostos, e, no entretanto, somos seleccionados quando necessitamos dos proventos da justiça para a qual contribuimos!

Amparados pelo espirito de justiça imparcial que imprimis a todos os vossos actos, estamos certos que, chegando ao vosso conhecimento os factos que expomos, providenciareis no sentido de colibir a continuação de tão degradantes e vexatorios descatos.

**Tourcoiros.** — A quadrilha de tourcoiros que virá trabalhar na praça que se está construindo, á rua Concordia esquina da da Republica, e que será dirigida pelo corajoso bandarilheiro d. Manoel Vera — *el Mazantinho*, além deste terá mais os seguintes artistas: espada d. Francisco Carrillo, com alterativa das praças de Hespanha, e bandarilheiro, *el Niño, Ramirez e Abaül*.

A quadrilha que está actualmente trabalhando em Pelotas, deverá aqui estrear em principios de outubro proximo.

**Agradecimento.** — No presente numero publicamos um agradecimento da respeitavel senhora d. Bazilia Antunes Ferreira, mãe do *malogrado* joven João Luiz Ferreira.

**Desastre.** — Devido ao pessimo estado em que se acha o assoalho de um passadiço existente ao fundo do edificio da Beneficencia Brasileira União, foi victima de lamentavel desastre o nosso amigo Manoel Signeira, co-proprietario da biscoiteria Franceza, a 9 do corrente, na occasião que assistia a um baile que a sociedade União Jovenil ali realisava.

Necessitando ir ao interior do salão o fez com tanta infelicidade que cahindo em um dos vãos aberto pelo apodrecimento de uma taboa, destroncou a

perna esquerda, lastimando se muito em diversas partes do corpo.

Folgomos, hoje, em registrar que o nosso amigo tem obtido sensiveis melhoras dos ferimentos que recebeu na queda.

**Dr. Octavio Job.** — A proseguir seus estudos, no 6.º e ultimo anno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seguiu, hontem, o intelligente patficio cujo nome epigrapha esta nota.

Prospera viagem e feliz termo aos estudos que tão brilhantemente iniciou, é o que desejamos ao joven amigo.

**Estandarte.** — Pela intelligente e habil professora de bordados d. Ernestina Porto Alegre, está sendo bordado para a banda musical da sociedade Floresta Aurora, um bellissimo estandarte.

## Calendario social

**Profestas.** — Fizeram annos:

A 12, a exma. sra. d. Annita Menegheti, respeitavel esposa do conceituado negociante desta praça o sr. João Menegheti;

A 13, a exma. sra. d. Etelvina Anido da Silva;

A 14, a interessante senhorita Clotildes Feteilmann, fillia da exma. sra. d. Laurinda Baptista da Conceição.

Faz annos hoje o estimado moço Ulysses Alvaro de Barros.

Farão annos:

A 19, o nosso amigo e acreditado moço, o sr. Vicente Gonçalves Pires;

A 20, o habil gravador Elias da Conceição Meirelles;

A 21, o sr. Agostinho Pacheco.

**Centro Recreativo.** — Assim ficou constituída a commissão de moças que deve dirigir as partidas dedicadas ao *Centro Recreativo*: Luiza Daria da Silva Lisboa, relatora; Ignacia da Silveira, adjunta; Maria José do Nascimento e Zulmira de Oliveira.

**União Jovenil.** — Como sempre, a partida que noticiamos, desta aprazivel sociedade, foi uma verdadeira colmeia de delicias que a galanteria dulçurosa dos associados, proporcionou a todos os convidados naquella saudosa noitada.

Gratos pela deferencia do convite com que nos honraram.

**Nova sociedade.** — Diversos jovens amanteticos da dança, tratam de fundar uma nova sociedade de baile, contando para isto com o melhor elemento da nossa mocidade.

São seus iniciadores os laboriosos jovens Lauro Bomfim, Olympio Cunha, Alfredo J. da Silva e Julio da Silveira. Os nomes que ali figuram é o melhor augurio de que a nova agremiação terá vida longa e prospera.

Hoje, ás 2 horas da tarde, reunir-se-ão em assembléa geral afim de eleger a directoria que deve gerir os destinos da nova sociedade.

**Associação Christã de Moços.** — Realizou sexta-feira, ultima, á noite, uma sessão magna, o grupo bianco.

**União e Progresso.** — Na noite de 9 do corrente, installou-se, nesta capital, uma associação bailante com o titu o acima.

Que venha tratar da união dos nossos e do progresso moral e intellectual dos mesmos, quo' seja emfim coherente com o titulo são os nossos desejos.

**Centro Recreativo.** — Verdaderamente deslumbrante foi o *bal-ros*, que as socias do «Centro Recreativo» offereceram á directoria.

A's dez e meia horas da noite teve começo a festa por uma série de discursos, fazendo uso da palavra, em nome das socias, o sr. Ulysses de Barros, e, em nome da directoria, o orador da associação, sr. Cyro Alves Pinheiro, e, individualmente, as senhoritas dd. Luiza Daria da Silva Lisboa, Alíoe Cunha e Paulina do Nascimento e um dos nossos companheiros, que agradeceu as significativas e lisongeiros referencias feitas ao nosso modesto seminario, principalmente as que resaltaram do bem architectado discurso de d. Luiza Lisboa.

Antes de fallarmos da dança que constituiu a segunda parte da agradável reunião, cumpre-nos relevar a caprichosamente *chic* ornamentação do salão,